



**PREFEITURA MUNICIPAL DE IGARATINGA**

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO**

**CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

**CONSELHO GESTOR DO FUNDO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

# **CONHECENDO A FESTA DE SANTA CRUZ EM IGARATINGA**

## **1 ORIGEM E HISTÓRIA DA FESTA DE SANTA CRUZ**



Não resta dúvida de que a cruz é o maior símbolo da fé cristã. O sinal da cruz é o primeiro sinal de acolhida traçado na fronte do cristão pelo padre, pais e padrinhos da criança, sinalando-a para sempre com Cristo. A cruz simboliza o amor universal de Deus para os cristãos e as populações rurais absorveram de forma profunda esse ideário que coloca a cruz como símbolo universal do cristão, a sua marca, o sinal de sua identidade e missão e a consideram santa e sagrada.

A cruz era utilizada pelo governo romano como forma de execução dos condenados e, portanto, considerada símbolo de dor, sofrimento e morte. Porém, após a crucificação de Jesus, a cruz recebeu um significado oposto, tornando-se símbolo de salvação, vida, benção, libertação, cura e santificação.

A tradição diz que Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, foi quem encontrou três cruzes no Monte Calvário, em Jerusalém, no ano de 320, e, ainda, quem descobriu entre elas a Cruz de Jesus Cristo.



Santa Helena nasceu no ano de 270 na antiga Bitínia, região às margens do Mar Negro que hoje pertence à Rússia. Muito bonita, cativou um famoso general do exército romano, Constâncio Cloro, por quem também ela se apaixonou.

O casal teve um filho, Flávio Valério Aurélio Constantino, chamado de “Constantino, o Grande”, que foi o segundo imperador romano da dinastia Constantina. Porém, isso aconteceu a um custo muito alto para Helena, visto que para ser promovido na corte, Constâncio aceitou a condição de repudiar sua esposa e se casar com a filha do imperador Maximiliano. Foi durante esse período de humilhação e solidão, porém, que Helena conheceu a Deus e se tornou cristã.

Passado o tempo, com a morte de Constâncio, Constantino foi proclamado imperador e, na célebre batalha da Ponte Mílvio, em Roma, teve a visão de Jesus Cristo a lhe mostrar a Cruz e dizer: “Com este sinal vencerás (*IN HOC SIGNO VINCES*)”.



Finalmente, no ano 313, Constantino decretou o cristianismo como a religião oficial do Império, após três séculos de brutais perseguições contra os cristãos.

Santa Helena dedicou boa parte da vida a buscar a Cruz de Jesus Cristo em Jerusalém, para onde chegou a levar um grupo de escavadores que, depois de muito trabalho, conseguiram encontrar no Monte Calvário não uma, mas três cruzes.

O relato desse encontro e de como Santa Helena identificou, entre as três cruzes, qual era a Cruz de Jesus Cristo, é resgatado pelo Breviário Romano:

*Após aquela insigne vitória que o Imperador Constantino obteve sobre Maxêncio, quando recebeu de Deus o sinal da Cruz do Senhor “In hoc signo vinces“, Santa Helena, mãe de Constantino, tendo recebido uma revelação em sonho, foi a Jerusalém para procurar zelosamente a Cruz. Lá cuidou ela de destruir a imagem de Vênus, em mármore, que, para apagar a memória da paixão de Cristo Senhor, os gentios haviam colocado no lugar da Cruz e que ali permanecera durante cerca de 180 anos. O mesmo ela fez no presépio do Salvador, onde fora posto um simulacro de Adônis, e no lugar da ressurreição, onde haviam colocado um de Júpiter. Purgado, assim, o local da Cruz, foram encontradas depois de profundas escavações três cruzes, e, à parte delas, a inscrição que havia sido posta sobre a Cruz do Senhor. Como não se sabia sobre qual das três ele deveria ser afixado, um milagre sanou a dúvida. Eis que Macário, bispo de Jerusalém, tendo elevado preces a Deus, levou cada uma das cruzes a três mulheres que sofriam de grave enfermidade, e, enquanto*

*as demais de nada serviram às mulheres, a terceira Cruz, levada à terceira mulher, curou-a imediatamente. Santa Helena, tendo encontrado a Cruz da salvação, construiu ali uma igreja magnificentíssima, na qual depositou parte da Cruz em urnas de prata, entregando outra parte a seu filho, Constantino, que a levou a Roma, à Igreja da Santa Cruz de Jerusalém, edificada no palácio Sessoriano. Ela também entregou ao filho os cravos que trespassaram o Santíssimo Corpo de Jesus Cristo. Naquele tempo, Constantino sancionou uma lei para que, desde então, ninguém fosse condenado ao suplício da cruz, e aquilo que antes era castigo e maldição para os homens passou a ser glória e objeto de veneração.*

Com isso, a Cruz de Jesus Cristo passou a ser apresentada como instrumento de salvação e de vitória sobre os inimigos da Igreja Católica e dos cristãos em tom de triunfo, passando a ser admirada e festejada pelos fiéis.

Segundo informações da Custódia da Terra Santa a Festa de Santa Cruz foi suprimida do calendário romano pelo Papa João XXIII em 1960. Contudo, em Jerusalém ainda é celebrada todo dia 7 de maio, enquanto no resto do mundo geralmente é celebrada todo dia 14 de setembro.

Independente do lugar, a Festa de Santa Cruz é uma comemoração secular carregada de simbolismo, fé e devoção, tradição que atravessa gerações e que guarda características gerais semelhantes, tais como a utilização de enfeites decorativos de diversos materiais, tipos e cores, além de flores e tecidos, e a entonação de cantos e orações que celebram o triunfo de Jesus Cristo sobre a morte.

No Brasil, a devoção à Santa Cruz foi introduzida pelos colonizadores portugueses e religiosos responsáveis pela catequização da população nativa.

O historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro Luís da Câmara Cascudo registrou em seu livro “Dicionário do Folclore Brasileiro” (2001) que a adoração e devoção à Santa Cruz tornou-se muito popular entre os indígenas e que, a partir daí, ocorreu uma intensa disseminação da comemoração nas áreas rurais onde havia cruzes e cruzeiros instalados, muitas vezes antes mesmo da existência de igrejas. Inicialmente, a Festa de Santa Cruz era religiosa, mas se transformou em uma festa pagã e passou a ser dirigida pelo povo.





## **2 SÍMBOLOS E RITUAIS DA FESTA DE SANTA CRUZ**

O pequeno murado ao redor da grande Cruz cravada no chão forma o Cruzeiro, geralmente instalado em algum ponto elevado próximo de uma igreja ou de um espaço que serve à comunidade. É um local considerado sagrado principalmente pela população rural, mas também pela população urbana, onde as pessoas se reúnem até os dias de hoje para celebrar a Cruz, manifestar a fé e a devoção. Em outros tempos, os Cruzeiros também eram usados para sepultamento, sobretudo de recém-nascidos.

Felizmente, ainda podemos ver muitas Cruzes e Cruzeiros nas cidades mineiras, quase sempre próximos a uma igreja e em bairros onde se concentram populações que migraram das áreas rurais.

As cidades que surgiram de antigos aglomerados populacionais rurais geralmente tinham uma Cruz e um Cruzeiro. Todavia, o acelerado ritmo da modernização e o conseqüente processo de urbanização acabaram levando à eliminação desses símbolos na vida urbana, ocasionando o desaparecimento de muitas práticas religiosas em homenagem à Santa Cruz. No entanto, a tradição da Festa de Santa Cruz persiste, sobretudo nas comunidades rurais, sendo realizadas pela própria população local e, na maioria das vezes, sem nenhuma vinculação com a Igreja Católica.

É bastante comum a Festa de Santa Cruz ser realizada por lideranças locais, muitas vezes membros do Conselho da Igreja Católica da comunidade, que tomam posse das Cruzes e dos Cruzeiros com suas orações e cantos, conduzindo procissões e outros rituais. Eventualmente, quando convidado, pároco da comunidade participa da festividade através da celebração da missa.

Em Igaratinga, as festividades em homenagem à Santa Cruz geralmente se estendem do fim do mês de abril até o início do mês de maio, sendo o Dia de Santa Cruz (3 de maio) a data mais importante, mas também costumam ser realizadas na semana que inclui o dia 14 de setembro, com pequenas variações nas diferentes localidades que compõem o Município. Todavia, é importante ressaltar que esses espaços de história, memória e manifestação de fé são frequentados pelos igaratinguenses durante todo o ano.

A Festa de Santa Cruz é uma das principais celebrações religiosas de Igaratinga, tradição centenária transmitida de geração em geração, sendo realizada anualmente na Sede do Município, no Distrito de Antunes, na Pedra Negra de Baixo e em outras comunidades rurais.

Em entrevista com a Senhora Maria das Graças Ferreira “Luluca” e com o Senhor José Carlos Ferreira, seu esposo, foi colhida a informação de que a Festa de Santa Cruz é realizada somente no dia 3 de maio de cada ano. Segundo eles, na Pedra Negra de Baixo o rito se configura pelo hasteio da bandeira, a reza do terço e o acendimento da fogueira, exatamente nesta ordem. O(A) festeiro(a) fica responsável por enfeitar e hastear a bandeira no dia da festividade, bem como por sua guarda. O terço é rezado e a bandeira é hasteada no dia 3 de maio, ficando exposta até o dia 10 de maio. A comunidade se reúne na Cruz todos os finais de semana seguintes ao longo do mês de maio para rezar. Atualmente não há barraquinha na festa para a comercialização de comidas e bebidas típicas, mas soltam-se fogos e faz-se a coroação das crianças, denominada “Coroação de



Maria”, onde elas se vestem com roupas de diferentes cores e com asas brancas, simbolizando anjos. Importante destacar que o referido ritual e processo festivo podem ter acréscimos e/ou modificações a depender da localidade no Município em que são realizados. Ainda de acordo com os entrevistados, quando havia barraquinha na Festa de Santa Cruz, 10% (dez por cento) do valor total arrecadado era direcionado para a Igreja Católica e os outros 90% (noventa por cento) ficavam com a comunidade.

Em entrevista com o Senhor Antônio José Fernandes Neto “Tunico Merquides” foi colhida a informação de que as comemorações da Festa de Santa Cruz são realizadas em datas diferentes, a depender do local. Nas Cruzes e Cruzeiros do “Buracão” é realizada no primeiro fim de semana após o dia 3 três de maio. Na Cruz e Cruzeiro de Mariana é realizada no segundo fim de semana após o dia 3 de maio e outrora contava com a participação do Congado<sup>1</sup>, que seguiam juntos até a Igreja Matriz de Santo Antônio. Chegando à referida Igreja, as pessoas a rodeavam, às vezes ajoelhadas, como forma de agradecer a Deus por alguma graça alcançada e “pagar” suas promessas.

### **3 CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS CRUZES E DOS CRUZEIROS**

As cruzes e os cruzeiros são característicos de comunidades religiosas cristãs que expressam sua fé através da representação material e concreta de tais construções.

Em Igaratinga há diversas cruzes e cruzeiros, cada qual com suas especificidades, histórias e significados para a comunidade. Seja na área rural ou urbana, reformados ou não, simbólicos como a Cruz dos Martírios (não mais existente), a Cruz e o Cruzeiro de Mariana, em tais espaços é possível a participação ativa da comunidade na preservação e transmissão da tradição.

Igaratinga precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam.

Os diferentes contextos culturais em que as pessoas vivem são, também, contextos educativos que formam e moldam os jeitos de ser e estar no mundo. Assim, essa transmissão cultural é de suma importância, visto que tudo é aprendido por meio dos pares que convivem nesses contextos.

Como disse em entrevista o Senhor Baltazar Ferreira dos Santos quando indagado sobre a importância das cruzes e dos cruzeiros: ***“Aquilo é um respeito, porque o cruzeiro vem da história de Jesus, né? Dentro da história de Jesus veio aí o cruzeiro, né? Então servia de marco num lugar.”***

Dessa forma, resta claro e evidente o forte espírito religioso que rege o Município desde o seu surgimento, tanto pelas celebrações e as festividades que mesclam aspectos culturais africanos e católicos

---

<sup>1</sup> O Congado, também chamado de Congo ou Congada, mescla cultos católicos com africanos num movimento sincrético. É uma dança que representa a coroação do rei do Congo, acompanhado de um cortejo compassado, cavalgadas, levantamento de mastros e música. O Congado originou-se no Congo (África), inspirando-se no Cortejo aos Reis Congos que era uma expressão de agradecimento do povo aos seus governantes. Ao receber a colonização portuguesa, vários africanos foram trazidos para o Brasil para serem escravos e acabaram trazendo esta tradição e mesclando com a cultura local.

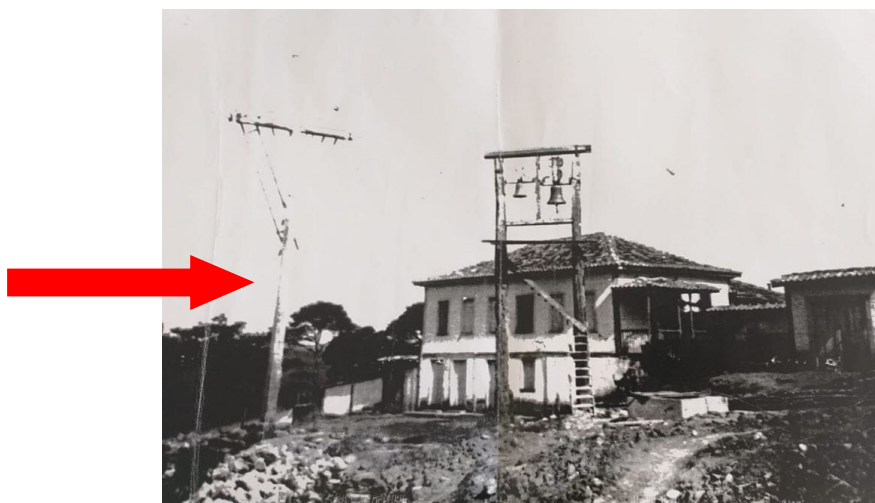


quanto pelo pertencimento e significado das cruzes e dos cruzeiros como locais de encontro entre as pessoas da comunidade pautados em comunhão, união, fraternidade, respeito e religiosidade.

#### **4 CRUZ DOS MARTÍRIOS – SEDE DO MUNICÍPIO DE IGARATINGA**

A Cruz dos Martírios estava instalada abaixo da Igreja Matriz de Santo Antônio e nela estavam afixados instrumentos simbólicos representativos alusivos àqueles que foram utilizados para pregar Jesus Cristo na cruz.

O Senhor Baltazar Ferreira dos Santos faz uma descrição das principais características da Cruz dos Martírios: “[...] *Era muito bonita a cruz, tinha uma escada, tinha uma espécie dum... feita de madeira, uma espécie de uma toalha no braço da cruz. Tinha o prego, tinha o martelo, tinha uma turquesa, uma lança, a que eles fala que abriu o peito de Cristo, né? Então tinha todas essas ferramenta, então chamava “Cruz dos Martírios”.*”



Cruz dos Martírios (não mais existente).

#### **5 A CRUZ E O CRUZEIRO DE MARIANA**

A Cruz e o Cruzeiro de Mariana localizam-se na Sede do Município de Igaratinga e as fotos destes locais aqui contidas foram tiradas na data de 16 de setembro de 2020. A materialização destes espaços faz parte da memória e da tradição em participar da festividade, manifestar a fé, contar sua história e transmitir para a posteridade. Sua importância e representatividade é imensurável.

O conhecimento sobre a Cruz e o Cruzeiro de Mariana, bem como as motivações que os levaram a existir, são extremamente significativos e representativos tanto para a comunidade igaratinguense quanto para o patrimônio histórico-cultural, motivo de muita honra e orgulho.



O contexto histórico da instalação da Cruz e do Cruzeiro de Mariana remonta à epidemia de gripe espanhola<sup>2</sup>, que atingiu todos os continentes assolava o povoado. Muitas pessoas da comunidade estavam se infectando com a doença e, conseqüentemente, morrendo. Então, Mariana, muito devota e religiosa, fez



uma promessa caso a doença parasse de fazer vítimas no povoado: Se não houvesse mais

mortes, ela construiria um Cruzeiro e rezaria todas as tardes ou todas as noites em agradecimento. E assim foi. Os moradores contam que, após a promessa feita por Mariana, as pessoas não estavam mais morrendo em grande quantidade no povoado.



Assim, na data de 27 de maio de 1923, foi instalada a Cruz e o Cruzeiro de Mariana, conforme informou o Senhor Antônio José Fernandes Neto “Tunico Merquides” em entrevista. A festa na Cruz e no Cruzeiro de Mariana é realizada anualmente na data 13 de maio em referência à abolição da escravatura no Brasil nesta mesma data, no ano de 1888. Em entrevista, o Senhor Antônio Ferreira dos Santos “Tõe do Ovídio” informou que os festejos são compostos pela reza do terço, celebração da missa e leilões.



<sup>2</sup> A gripe espanhola foi a maior e mais devastadora das doenças que se propagaram no século XX, infectou mais de seiscentos milhões e vitimou entre vinte e quarenta milhões de pessoas em todo o mundo, em um curto espaço de tempo. A epidemia manifestou-se em três ondas: a primeira irrompeu em março de 1918, apresentando taxa de mortalidade bastante baixa e, por isso, não motivou preocupação excessiva; a segunda, altamente virulenta, espalhou-se pelo mundo a partir de agosto do mesmo ano; a terceira, menos virulenta, emergiu em janeiro de 1919, estendendo-se, em alguns lugares, até 1920.



**6 CRUZ DO “CERRADINHO”**



Cruz do “Cerradinho”, Sede do Município de Igaratinga, 16/09/2020.

**7 CRUZ DO ATAÍDE**



Cruz do Ataíde, Sede do Município de Igaratinga, 16/09/2020.





## **8 CRUZES DO POVOADO DO “BURACÃO”**

No Povoado do “Buracão”, Sede do Município de Igaratinga, há duas cruzes, sendo uma delas conhecida popularmente por “Cruz do Zé Batata”.

Em entrevista com o Senhor Mozar Jerônimo de Camargos “Mozarinho” foi colhida a informação de que na “Cruz do Zé Batata” antigamente era realizada a Festa de São Vicente.

A Festa da Cruz no Povoado do “Buracão” geralmente é realizada no primeiro fim de semana após o dia 3 de maio.



“Cruz do Zé Batata”, Povoado do “Buracão”, Sede do Município de Igaratinga, 16/09/2020.



Cruz “Sem Nome”, Povoado do “Buracão”, Sede do Município de Igaratinga-MG, 16/09/2020.

## 9 CRUZES DO DISTRITO DE ANTUNES



Cruz na Praça Nossa Senhora das Dores, Distrito de Antunes, Igaratinga, 16/09/2020.



Cruz próxima à Estação de Tratamento de Água, Distrito de Antunes, Igaratinga-MG, 16/09/2020.

## 10 CRUZES DO POVOADO DE “LIMAS”



Cruz na Praça Olímpio Ferreira Lima, Povoado de “Limas”, Igaratinga, 16/09/2020.



Cruz próxima ao Salão Comunitário, Povoado de “Limas”, Igaratinga, 16/09/2020.

11 CRUZES DO POVOADO DA “VÁRZEA DA CACHOEIRA”



Cruz do Povoado da “Várzea da Cachoeira”, Igaratinga, 16/09/2020.



Cruz do Povoado da “Várzea da Cachoeira”, Igaratinga, 16/09/2020.



Cruz do “Touca”, Povoado da “Várzea da Cachoeira”, Igaratinga, 16/09/2020.

## 12 CRUZ DO POVOADO DA “CACHOEIRA”



Cruz do Povoado da “Cachoeira”, Igaratinga, 16/09/2020.

## 13 CRUZ DO POVOADO DA “PEDRA NEGRA DE BAIXO”

A Cruz do Povoado da “Pedra Negra de Baixo” é muito significativa e representativa para as pessoas que moram na localidade, pois possibilita a reunião da comunidade para a celebração das festas da Cruz, de São José e de São Vicente.

Em entrevista com o Senhor Mozar Jerônimo de Camargos “Mozarinho” foi colhida a informação de que a Cruz passou por uma reforma há aproximadamente 24 anos, quando o Senhor Antônio Francisco Borges, à época Prefeito de Igaratinga, reformou o Salão Comunitário e construiu uma igreja ao lado. Ainda de acordo com o Senhor “Mozarinho”, um morador residente no “Retiro dos Faria” foi quem teria doado a

madeira da árvore de aroeira para a confecção da Cruz e acrescentado a representação do galo, da turquesa e de outros adereços a ela.



Cruz na Praça São José, Povoado da “Pedra Negra de Baixo”, Igaratinga, 16/09/2020.

#### **14 COLOCANDO EM PRÁTICA OS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS**

- 1) Você já conhecia alguma das cruzes e/ou dos cruzeiros apresentados? Se a resposta for sim, qual(is)?
- 2) Você e/ou alguém da sua família e/ou alguém que você conhece participa e/ou já participou de alguma Festa da Cruz em Igaratinga?
- 3) Você e/ou alguém da sua família possuem registro de alguma das cruzes e/ou dos cruzeiros apresentados? Se a resposta for sim, seria possível compartilhar conosco para que possamos montar o Arquivo Público do Município de Igaratinga?



## **15 AUTORES**

### **Alexandre de Faria Silva**

Biólogo

Servidor Público da Prefeitura Municipal de Igaratinga no Cargo de Chefe de Gabinete

Presidente do COMPAC e do Conselho Gestor do FUMPAC

### **Fernando Cordeiro dos Santos**

Graduando em Licenciatura em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Unidade Divinópolis

Estagiário de História da Prefeitura Municipal de Igaratinga

### **Flávia Lemos Mota de Azevedo**

Historiadora

Prestadora de Serviços Contratada pela Prefeitura Municipal de Igaratinga

Coordenadora do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho – CEMUD da UEMG Unidade Divinópolis

## **16 DATA DE ELABORAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO MATERIAL: 20/08/2020**

## **17 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**A Festa da Exaltação da Santa Cruz.** Disponível em: <<http://montfort.org.br/bra/veritas/religiao/a-festa-da-exaltacao-da-santa-cruz>>. Acesso em: 20/08/2020.

AMARAL, Cássia de Mello Peixoto Rita de. **Festa à Brasileira:** significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf>>. Acesso em: 20/08/2020.

**Assim recordam a descoberta da Cruz de Cristo na Terra Santa.** Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/assim-recordam-a-descoberta-da-cruz-de-cristo-na-terra-santa-35899>>. Acesso em: 20/08/2020.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira:** temas e situações. São Paulo: Ática, 1999. 224 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro: Global, 2001. 798 p.

**Como a santa que achou 3 cruzes no Calvário descobriu entre elas a Cruz de Cristo.** Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2018/08/20/como-a-santa-que-achou-3-cruzes-no-calvario-descobriu-entre-elas-a-cruz-de-cristo>>. Acesso em: 20/08/2020.



CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa; CATÃO, Leandro Pena; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **História e Memória do Centro-Oeste Mineiro: perspectivas.** Belo Horizonte: Crisálida, 2009. 224 p.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa.** São Paulo: Universidade de Passo Fundo, 1998. 104 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. 328 p.

**História de Santa Helena.** Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-helena/84/102>>. Acesso em: 20/08/2020.

Instituto Santo Tomás de Aquino. Homenagem a Frei Bernardino Leers. **Horizonte Teológico,** Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p 1-152, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://ista.edu.br/wp-content/uploads/2013/11/RV-16.pdf>>. Acesso em: 20/08/2020.

JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Hucitec, 2001. 444 p.

LEERS, Bernardino. **Catolicismo popular e mundo rural: um ensaio pastoral.** Petrópolis: Vozes, 1977. 228 p.

**Padre explica origem e vivência da Festa da Exaltação da Santa Cruz.** Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/igreja/padre-explica-origem-e-vivencia-da-festa-da-exaltacao-da-santa-cruz>>. Acesso em: 20/08/2020

**Santa Helena, a mulher que encontrou a Cruz de Cristo.** Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2017/08/18/santa-helena-a-mulher-que-encontrou-a-cruz-de-cristo>>. Acesso em: 20/08/2020.

**Santa Helena: a padroeira do estado da Paraíba.** Disponível em: <<https://rumodafe.com.br/santa-helena>>. Acesso em: 20/08/2020.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 128 p.